

O CLUBE DA FÉ

Saiba porque somos chamados de Clube da Fé e lembre missões tricolores impossíveis. *p.22*

ENTREVISTA: WELLINGTON

Mais que um volante:
um torcedor dentro
de campo *p.14*

NÃO TEM BOLA NA REDE!

Báu tricolor conta a história
dos nossos Camisa 1 *p.30*

Expediente

Vinícius Ramalho – Editor Chefe
Alessandra Nogueira – Repórter
e Jornalista Responsável

Gustavo Ramalho – Colunista e Editor
Leonardo Léo – Colunista e Repórter
Thiago Moura – Colunista e Repórter

Colunistas: Alberto Ferreira, Bruno Fekuri,
Fabrício Gomes, Jussara Araujo,
Leandro Pinheiro, Renato Ferreira,
Roney Altieri, Ulises Cárdenas.

Coluna Arte Tricolor: Lucas Martins

Erika Ostark – Projeto gráfico e diagramação
Silva Leite Júnior – Fotógrafo
Alexandre Ramos – Soluções Digitais

Número 04/2013 - Ano 01
Periodicidade mensal

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.tricolormaisquerido.com.br

A Revista TMQ é uma publicação independente, onde as opiniões expressas são de responsabilidade dos colunistas.

Anuncie na Revista TMQ
publicidade@revistatmq.com.br

ENFIM ABRIL!

No editorial da terceira edição da revista a esperança era que com o fim do mês de março, onde nada deu certo para o Tricolor Mais Querido, as coisas melhorassem pelos lados do Morumbi.

Tudo bem que quase morremos do coração, dependemos de resultados dos outros, mas com a benção e o chacoalhão do M1to Rogério Ceni, superamos todas as adversidades. Fizemos nosso resultado, fomos favorecidos pela vitória do Arsenal contra o The Strongest e nem mesmo os desfalques de Luís Fabiano e Jadson foram algo que atrapalhassem o objetivo da classificação.

Temos problemas táticos ainda e o time parece não ter encaixado. Mas sabemos mais do que ninguém que Libertadores se ganha na força, com muita raça e disso não podemos nos queixar desse elenco.

Baseada nisso a quarta edição da Revista TMQ chega falando de como surgiu essa alcunha de Clube da Fé, relembra a história da moeda que caiu em pé e grandes viradas tricolores em momentos que tudo parecia impossível.

Falando em raça, entrevistamos um dos símbolos do atual elenco nesse sentido. O volante Wellington nos recebeu no CT da Barra Funda para um bate papo e mostrou que, mesmo jovem, tem muita personalidade e acima de tudo torce e sabe o que representa vestir a camisa mais pesada do futebol brasileiro. Ele também falou com propriedade sobre as categorias de base do São Paulo e as acusações de aliciamento de jovens jogadores.

Há ainda uma matéria sobre mais um grande feito do M1to Rogério Ceni, no jogo contra o Galo Mineiro; Tricolor na Rede com mais uma grande novidade para o torcedor são-paulino que gosta de colecionar itens em vermelho branco e preto; Eternizados com mais um grande camisa 9 da nossa história; Esquecidos da lateral direita; Baú Tricolor lembrando grandes arqueiros que vestiram nossa camisa 1; Sã-Paulinas, que fala um pouco mais do nosso elenco para a mulherada e Rockolor com o setlist escolhido pelo M1to para ser o som que embala os torcedores no Morumbi.

Ufa! Acha que acabou? Que nada...

Além de tudo isso, duas personalidades tricolores estão nas páginas da nossa revista este mês: Mota, do Estádio 97, no Conte Sua História e a belíssima e eterna musa Fernanda Saldanha, que deixa nosso calendário ainda mais bonito.

Enfim, continuamos trabalhando para consolidar ainda mais nossa publicação como um dos principais canais feitos por tricolores e para tricolores.

Que a quinta edição venha com o Tricolor avançando na Libertadores e trilhando seu caminho para Marrocos no final do ano.

Ou alguém ai ousa em duvidar do Clube da Fé?

SÃO PAULO EU ACREDITO EM VOCÊ!

VINÍCIUS RAMALHO
editor chefe



NESTA EDIÇÃO



Foto: Wagner Carmo/Gazeta Press

TRICOLADAS **04**

ESPECIAL CLUBE DA FÉ **06**

Escrevendo a história

PÓS-JOGO **08**

TRICOLOR EM NÚMEROS **12**

CALENDÁRIO TRICOLOR **13**

ENTREVISTA **14**

Wellington: um torcedor dentro de campo

ARTE TRICOLOR **17**

ETERNIZADOS **18**

Careca - o gênio da grande área

ESQUECIDOS **19**

A maldição da Avenida Morumbi

ROCKOLOR **20**

M1to n' Roll

CAPA **22**

Não existe o impossível para o Clube da Fé

CONTE SUA HISTÓRIA **28**

Mota

BAÚ TRICOLOR **30**

Com nossos Camisa 1 não tem bola na rede!

ANÁLISE **33**

Uma ode à raça

FALA RAPAZIADA **34**

UFA!

TRICOLOR NA REDE **35**

São Paulo Futebol Collection

ESQUEMA TÁTICO **36**

Novo esquema na prancheta

LA CANCHA **37**

#clubedafé

SÃ-PAULINAS **38**

Sã-paulinas na defesa

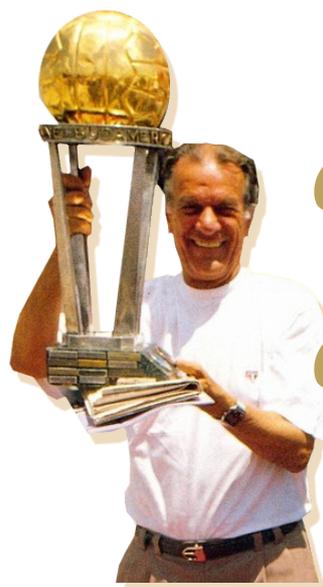
TRICOLADAS

01.04.13 a 30.04.13



SÃO-PAULINOS NO ACRE

É notório que o Mais Querido tem torcedores espalhados por todo Brasil, mas a paixão de são-paulinos no Acre ganhou destaque no mês que passou. Um grupo saiu de Rio Branco (AC) e enfrentou uma viagem de 1300 km para acompanhar o Tricolor em La Paz.



OLÊ,
OLÊ, OLÊ,
OLÊ... TELÊ,
TELÊ!

No último dia 21 completaram-se sete anos do falecimento do mestre Telê Santana. Telê permanece vivo na memória e no coração da torcida Tricolor que sempre se lembra do inesquecível técnico que muito fez pelo futebol brasileiro e pelo São Paulo

BRONCA NA PATROA!

O goleiro Denis ficou na bronca com sua esposa por conta da polêmica declaração dela numa rede social criticando o M1to por ter falhado e ser “fominha”. Denis desculpou-se publicamente: *“Estou muito chateado com ela por causa disso. O Rogério é um ídolo que tenho, me espelho nele. Como torcedora, ela deu um depoimento infeliz.”*



O PORSCHE DA DISCÓRDIA

O diretor de futebol, Adalberto Batista, foi muito criticado pela torcida por não acompanhar a delegação tricolor no jogo contra o The Strongest, disputado na Bolívia. O diretor estava em Portugal e participou da prova automobilística “Porsche Cup”. Adalberto justificou-se assegurando que a viagem foi autorizada por Juvenal Juvêncio e que aproveitou para resolver assuntos de interesse do São Paulo Futebol Clube.



O São Paulo aproveitou a partida diante do XV de Piracicaba para realizar uma ação em parceria com a Cruz Vermelha: todo torcedor que doou um agasalho ganhou ingresso para acompanhar o jogo nas arquibancadas do Morumbi.

“ESSE É O JOGO MAIS IMPORTANTE DA MINHA CARREIRA.



Sou são-paulino, sofro muito quando o time não ganha. Se depender de mim, rompo outro ligamento do joelho pelo São Paulo”

Wellington, sobre o jogo contra o Atlético na primeira fase da Libertadores

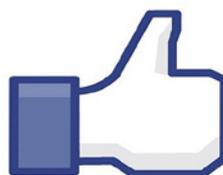
VÁRZEA



#EUACREDITO

Mesmo longe, Lucas faz questão de demonstrar seu carinho pelo Clube da Fé. O atacante do PSG fez questão de mandar sua mensagem de apoio e confiança na difícil classificação para as oitavas de final da Libertadores! Ídolos como Raí e Zetti também divulgaram mensagens de apoio ao elenco tricolor.

A Conmebol continua demonstrando amadorismo na organização da Copa Libertadores 2013. Em abril as cenas de violência e bagunça continuaram. No estádio Independência, jogadores do Arsenal entraram em confronto com a polícia mineira e o caso foi parar na Justiça. No Chile, confusão generalizada após a partida entre Huachipato e Grêmio. Punição?! Por enquanto o único punido severamente foi Luis Fabiano pela expulsão no Pacaembu!



REFORÇO PARA O MARKETING

O Tricolor anunciou seu novo Gerente de Marketing: Gilberto Ratto. O profissional tem mais de treze anos de experiência na área e destacou-se por seu trabalho no marketing esportivo do Grupo Alpargatas.

PERDA PARA O REFFIS

O São Paulo demitiu o fisioterapeuta Luiz Rosan, o responsável pela criação e gestão do Reffis. Rosan estava no São Paulo desde 2003. Sua saída foi creditada a divergências com a diretoria.



“As 50 mil vozes foram um combustível para chegar à classificação. Posso garantir que a grande diferença foi a presença do público. Vi jogadores filmando o torcedor na entrada do ônibus. Isso mostra quanto benefício ele traz. Agradecemos muito ao torcedor. Ele fez a diferença.”

Rogério Ceni, sobre o clima do Morumbi lotado



RUMO AO HEXA?

Todas as vezes que o Brasil conquistou a Copa do Mundo, algum jogador Tricolor fazia parte do elenco. Na reta final da preparação para a Copa 2014, Jadson e Osvaldo vão ganhando espaço com o técnico Felipão. A lista dos convocados para a Copa das Confederações sairá no dia 14/05 e os jogadores tem boas chances de estar na lista.

Foto: Djalma Vassão/Gazeta Press



ESCREVENDO A HISTÓRIA

Olha a oportunidade que Deus deu para cada um de vocês. Oportunidade de escrever história". E no dia que o SPFC jogou a sua vida na Libertadores, mais uma vez, Rogério Ceni fez história.

por LEONARDO LÉO

Na platéia, 50 mil devotos. Não era apenas uma torcida, mas sim uma nação que carregava um enorme sentimento de fé. No palco, 21 coadjuvantes. Uns estavam ali simplesmente para ganhar a partida, outros lutavam pela classificação para a próxima fase, outros queriam apenas se divertir. Ele, não. Rogério Ceni queria fazer e escrever história, mais uma vez, como sempre fez e ainda vai fazer. Uma corrente de fé em vermelho, branco e preto, se rendeu a um santo de azul. Para muitos, uma lenda; para o clube da fé, um deus; para o mundo inteiro, um M1to.

Poderia ser o último jogo de Rogério Ceni em uma Libertadores. Com apenas quatro pontos em seu grupo, o São Paulo precisava ganhar do Atlético, até então melhor time da competição, e ainda torcer por uma combinação de resultados no jogo entre Arsenal e The Strongest. Haja fé! Por isso aquela noite tinha que ser diferente, diferente de tudo que já havia acontecido nesta Libertadores. E foi – a vitória nasceu no vestiário, nas palavras do nosso Capitão.

UMA CORRENTE DE FÉ, EM VERMELHO, BRANCO E PRETO, SE RENDEU A UM SANTO DE AZUL

Alguns (poucos) são-paulinos não acreditavam. A imprensa dava como praticamente impossível a classificação do São Paulo e a pequena torcida do Atlético presente no Morumbi gritava “ELIMINADO” antes do jogo. Se esqueceram que o São Paulo Futebol Clube é o clube da fé e que no gol deste time está Rogério Ceni.

“Vocês acreditam em Deus, não acreditam? Mas que hoje, isso daqui seja um inferno”. Essas foram as palavras de Rogério minutos antes da partida. E assim foi. Com mais de 50 mil vozes cantando e empurrando o São Paulo, o caldeirão do Morumbi virou um inferno. Pobre Atlético, pela primeira vez na sua história sentiu o que é uma Libertadores.

O primeiro tempo terminou 0 a 0, mas, na Argentina, o Arsenal venceu o The Strongest por 1 a 0. Com esse resultado o Tricolor precisava de uma vitória simples contra os atleticanos. O segundo tempo ia pegar fogo.

A segunda etapa começou e logo nos primeiros minutos os donos da casa foram pra cima. Osvaldo fez grande jogada pela direita e lançou a bola para a área. A bola passou pelo zagueiro Leonardo e sobrou nos pés de Aloisio que, ao armar o chute, foi empurrado pelo zagueiro do Atlético. Pênalti para o São Paulo.

Era a bola do jogo. Rogério havia falado para o seu reserva Dênis que a bola do jogo cairia nos seus pés. E, enquanto o Morumbi era só festa com a marcação da penalidade, antes mesmo do árbitro confirmar o pênalti, Rogério já iniciava a longa caminhada de uma área para outra. O que ele fez no caminho? Conversou com Deus, e nesta conversa pediu calma e lucidez para executar a batida.

Rogério ajeitou a bola com mesmo carinho que já havia ajeitado por 110 vezes na sua carreira. O carinho era o mesmo, o peso da bola com certeza não.

O capitão tomou distância e o Morumbi que até então era só festa ficou em silêncio. Um silêncio que fez com que passasse um filme em nossos pensamentos. Os longos segundos nos fizeram lembrar do seu primeiro gol de falta contra o União São João, da defesa de pênalti contra o Rosario Central na Libertadores de 2004, da taça da Libertadores sendo erguida por ele em 2005, da sua atuação contra o Liverpool no mesmo ano e da sua liderança, que nos levou a um inédito tricampeonato brasileiro. Segundos que trouxeram, ainda, lembranças de atuações históricas como do jogo contra o SEP no Palestra Itália em 2008, até o seu centésimo gol. Um filme completo em segundos, tempo que Rogério levou da distância tomada, do apito do juiz, até o chute na bola.

A história do nosso maior artilheiro na taça Libertadores da América não podia terminar assim. E não terminou.

Rogério Ceni bateu com perfeição: bola de um lado, goleiro pro outro. São Paulo 1 a 0. E o Morumbi, que até aquele momento era um inferno, virou um céu. E, de joelhos, com lágrimas nos olhos e abraçado por seus companheiros, o M1to comemorou mais um gol. O gol da ressurreição. O São Paulo renasceu na Libertadores e Rogério poderia continuar escrevendo história. História que ninguém no mundo pode escrever – só ele e a sua maior paixão, o São Paulo Futebol Clube.

O São Paulo ainda fez 2 a 0 com Ademilson e o jogo na Argentina terminou 2 a 1 para os argentinos. O Tricolor Mais Querido estava classificado para a próxima fase; os devotos tricolores, que antes do jogo foram obrigados a ouvir gritos de “ELIMINADO”, terminaram o jogo gritando “CLASSIFICADO” e de quebra ainda mandaram um “TRICAMPEÃO” para os mineiros.

Estamos vivos e mais fortes do que nunca. Para desespero de muitos, o campeão voltou e o M1to vai continuar liderando e escrevendo história. Se essa história vai terminar em tetracampeonato só o tempo irá dizer; mas não duvide de um time que faz a moeda cair de pé.

E, ENQUANTO O ROGÉRIO ESCREVER HISTÓRIA, NÓS VAMOS COM FÉ.

São Paulo 1 x 2 SSCP

31 de março de 2013



X



Público: 20.930 **Renda:** R\$708.080,00

Estádio: Morumbi

GOLS: SÃO PAULO: Jadson, aos 4 minutos do primeiro tempo;
SCCP: Danilo, aos 41 minutos do primeiro tempo. Alexandre Pato, aos 37 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda (Douglas), Rafael Toloí, Edson Silva e Carleto; Denilson (Wellington), Maicon (Wallyson), Jadson e Ganso; Osvaldo e Luis Fabiano. Técnico: Ney Franco.

A comissão técnica optou por não poupar os principais jogadores para a partida decisiva da Libertadores. O Tricolor foi a campo usando força máxima na tentativa de bater o rival. Logo no início da partida Jadson abriu o placar após ótima jogada do ataque Tricolor. Mesmo jogando bem, o São Paulo levou o gol de empate ainda no primeiro tempo. Na etapa complementar o Mais Querido continuou criando oportunidades e pressionando o adversário, mas desperdiçou diversas oportunidades de liquidar a partida. O castigo veio após pênalti polêmico em lance de dividida entre Rogério Ceni e Alexandre Pato após falha de Rafael Toloí. A crítica foi unânime: O São Paulo foi melhor, mas não teve poder de decisão.

The Strongest 2 x 1 São Paulo

4 de abril de 2013



X



Público: não divulgado **Renda:** não divulgada

Estádio: Hernando Siles (La Paz, Bolívia)

Gols: THE STRONGEST: Soliz aos 14 minutos do primeiro tempo, e Cristaldo aos 20 minutos do segundo tempo; **SÃO PAULO:** Rogério Ceni, aos 44 minutos do primeiro tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda (Rodrigo Caio, 18'/2T), Rafael Toloí, Edson Silva e Carleto; Denilson (Wallyson), Maicon (Wellington), Jadson, Ganso e Osvaldo; Aloisio. Técnico: Ney Franco.

O São Paulo fracassou na Bolívia e passou a viver o medo real de um vexame histórico na Libertadores. Sem Luis Fabiano, que teve a suspensão mantida pela Conmebol, Ney Franco repetiu a formação da partida anterior. Outra vez mais o São Paulo teve o controle da partida, criou bastante, mas pecou nas finalizações. Como na partida diante do Arsenal, a falta de combate no meio de campo permitiu que os adversários arriscassem chutes de longa distância. E foi assim que por duas vezes os donos da casa marcaram; Rogério Ceni, jogando no sacrifício após lesão no clássico, marcou o gol do São Paulo, mas foi alvo de críticas por não ter evitado o segundo gol da equipe boliviana. Com a derrota o Tricolor não dependia só de si para continuar na competição.

Botafogo 1 x 3 São Paulo

7 de abril de 2013



Público: 14.680 **Renda:** R\$541.020,00

Estádio: Santa Cruz (Ribeirão Preto-SP)

GOLS: BOTAFOGO: Dimba, aos 46 minutos do segundo tempo;
SÃO PAULO: Lúcio, aos 28, Aloísio, aos 34, e Ademilson, aos 39 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Denis; Rodrigo Caio, Lúcio, Rhodolfo e Cortez (Henrique Miranda); Wellington, Fabrício (Maicon), Douglas e Cañete (Aloísio); Wallyson e Ademilson. Técnico: Ney Franco.

Depois da derrota na Bolívia, o São Paulo foi até Ribeirão Preto com um time reserva para se manter na ponta do Paulistão. Depois de um primeiro tempo sonolento, onde nem a superioridade numérica após a expulsão de Zé Antônio, foi suficiente para que o tricolor abrisse o marcador. Veio a segunda etapa e outra expulsão no Botafogo: André fez falta em Ademilson e também foi para o chuveiro mais cedo. Rodrigo Caio também foi expulso e coube ao zagueiro Lúcio abrir o placar com um petardo em cobrança de falta. A porteira se abriu e Aloísio fez um belo gol para aumentar a vantagem tricolor. Ademilson que correu muito durante o jogo fez o terceiro em bela jogada individual. Ainda deu tempo de Dimba aproveitar rebote do goleiro Denis para fazer o gol de honra do Botafogo. Mais uma vitória jogando para o gasto.

União Barbarense 1 x 2 São Paulo

10 de abril de 2013



Público: 4.430 **Renda:** R\$160.935,00

Estádio: Antônio Lins Ribeiro Guimarães (Santa Bárbara D'Oeste - SP)

Gols: UNIÃO BARBARENSE: Cesinha, aos 25 minutos do primeiro tempo;
SÃO PAULO: Aloísio, aos 41 minutos do primeiro tempo, e César (contra), aos nove minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Denis; Paulo Miranda, Lúcio, Rafael Tolói (Edson Silva) e Thiago Carleto (Cortez); Wellington, Fabrício, Douglas (Ademilson) e Paulo Henrique Ganso; Osvaldo e Aloísio. Técnico: Ney Franco.

Esboçando time para o confronto decisivo contra o Galo na Libertadores, o São Paulo foi até Santa Bárbara do Oeste, para enfrentar o União Barbarense em jogo adiado da quarta rodada do Paulistão. Ney Franco armou o time com Douglas improvisado no meio campo. Na defesa, Lúcio voltou aos titulares e ficou com a braçadeira de capitão. Sem algumas estrelas, a missão de brilhar ficou para Ganso e Osvaldo. Osvaldo até apareceu bem, mas Ganso esteve apagado no interior paulista. Cesinha abriu o placar para os donos da casa e Aloísio empatou antes do intervalo. O centroavante foi expulso logo no início da etapa final, mas mesmo com um a menos o São Paulo virou com gol contra de Cesar após cobrança de escanteio. No final do jogo Ganso sofreu pênalti que Osvaldo desperdiçou. Primeiro lugar garantido na fase classificatória do paulista.

São Paulo 0 x 1 XV de Piracicaba

13 de abril de 2013



Público: 9.308 Renda: R\$ 256.960,00
Estádio: Morumbi

Gol: XV de Piracicaba - Luiz Eduardo, aos 10 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Denis; Rodrigo Caio (Henrique Miranda), Rhodolfo, Edson Silva e Cortez; Fabrício, Denilson (Lucas Farias), Jadson (João Schmidt) e Cañete; Wallyson e Ademilson. Técnico: Ney Franco.

Sábado chuvoso e frio na capital paulistana. Expectativa para o jogo da Libertadores no meio de semana e um time recheado de reservas. Com a liderança assegurada na primeira fase o Tricolor mostrou desinteresse pelo jogo e já no primeiro tempo viu o XV meter duas bolas na trave do goleiro Denis. Jadson e Denilson foram substituídos na etapa inicial. O primeiro sentiu dores na virilha e o segundo uma indisposição estomacal. Veio o segundo tempo e o Mais Querido continuava inofensivo. O time do interior que ainda lutava para escapar do rebaixamento se aproveitou e abriu o placar com Luiz Eduardo de cabeça. E os reservas que haviam ganho os seis jogos que tiveram oportunidade de representar o tricolor no estadual perderam a invencibilidade. E daí? Conforme os gritos da torcida, o que valia era a próxima quarta-feira.

São Paulo 2 x 0 Atlético/MG

17 de abril de 2013



Público: 50.403 Renda: R\$1.961.516,00
Estádio: Morumbi

Gols: SÃO PAULO: Rogério Ceni, aos 11, e Ademilson, aos 37 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda (Rodrigo Caio), Lúcio, Rafael Tolo e Carleto; Wellington, Denilson e Ganso; Douglas, Osvaldo e Aloísio (Ademilson) (Fabrício). Técnico: Ney Franco.

Lutando contra todas as probabilidades e armado com fé em sua tradição e na força do Morumbi, o São Paulo conseguiu a classificação para as oitavas de final da Libertadores. Atuando de maneira muito aplicada, o time superou as limitações técnicas na base da raça e se impôs diante de um adversário que realizou a melhor campanha na fase de grupos da competição. O Mito novamente mostrou o porquê do apelido ao abrir o placar numa cobrança de pênalti com enorme frieza e categoria. Ademilson sacramentou a classificação após boa jogada de Ganso e Osvaldo. Vitória maiúscula, merecida e digna da grandeza de um tri campeão da Libertadores. O São Paulo está vivo na competição.

Mogi Mirim 1 x 0 São Paulo

21 de abril de 2013



X



Público: não divulgado Renda: não divulgada
Estádio: Romildo Ferreira (Mogi Mirim - SP)

Gol: MOGI MIRIM: Roger Gaúcho, aos 40 minutos do primeiro tempo.

SÃO PAULO: Denis; Lucas Farias, Rhodolfo, Edson Silva e Cortez (Henrique Miranda); Fabrício (Douglas), Rodrigo Caio, João Schimidt e Cañete (Adelino); Wallyson e Ademilson. Técnico: Ney Franco.

Após a classificação épica na Libertadores, hora de cumprir tabela no último jogo da fase classificação do Paulistão. Novamente com reservas e sem Luís Fabiano que foi vetado pouco antes do jogo, o São Paulo pegou o Mogi Mirim, que vinha fazendo ótima campanha. O time do interior queria a vitória para se manter entre os quatro melhores e fazer o confronto de quartas de final dentro de casa. Novamente os reservas falharam. O primeiro tempo terminou sem abertura do placar, mas na etapa final após uma triangulação totalmente atrapalhada da defesa são paulina, Fabrício entregou a bola nos pés de Roger Gaúcho que invadiu a área e fuzilou Denis. Falar um lance tricolor de perigo para o goleiro do Sapão seria algo inventado pela nossa equipe nesse pós jogo. Ufa, acabou a empolgante primeira fase do Paulistão.

São Paulo 1 x 0 Penapolense

28 de abril de 2013



X



Público: 32.995 Renda: R\$686.085,00
Estádio: Morumbi

Gols: SÃO PAULO: Jailton (contra).

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda (Rodrigo Caio), Lúcio, Rafael Toloí e Carleto; Wellington (Douglas), Denilson, Jadson (João Schmidt) e Ganso; Osvaldo e Luis Fabiano. Técnico: Ney Franco.

Finalmente um jogo que valia algo no campeonato Paulista. A disputa das quartas de final teve como grande destaque a comemoração da conclusão de parte da modernização do Morumbi que o deixou com todos os assentos vermelhos. A campanha "Vermelho, a cor da raça" gerou grande repercussão e excepcionalmente o São Paulo atuou com uma camiseta completamente vermelha. O jogo foi mais difícil que o esperado. O Tricolor encontrou dificuldades, por duas vezes acertou a trave, mas sofreu com os contragolpes do adversário. A partida foi resolvida com uma grande jogada de Osvaldo em que o zagueiro Jailton acabou marcando contra e com uma defesa milagrosa no Mito no final da partida. Tricolor classificado para as semifinais.

TRICOLOR EM NÚM3R05

31.03.13 a 30.04.13



Jogos



Vitórias



Empates



Derrotas



GP



GC

No ano	28	17	3	8	51	30
No período	7	4	0	3	9	6

Artilheiros

no ano
no período

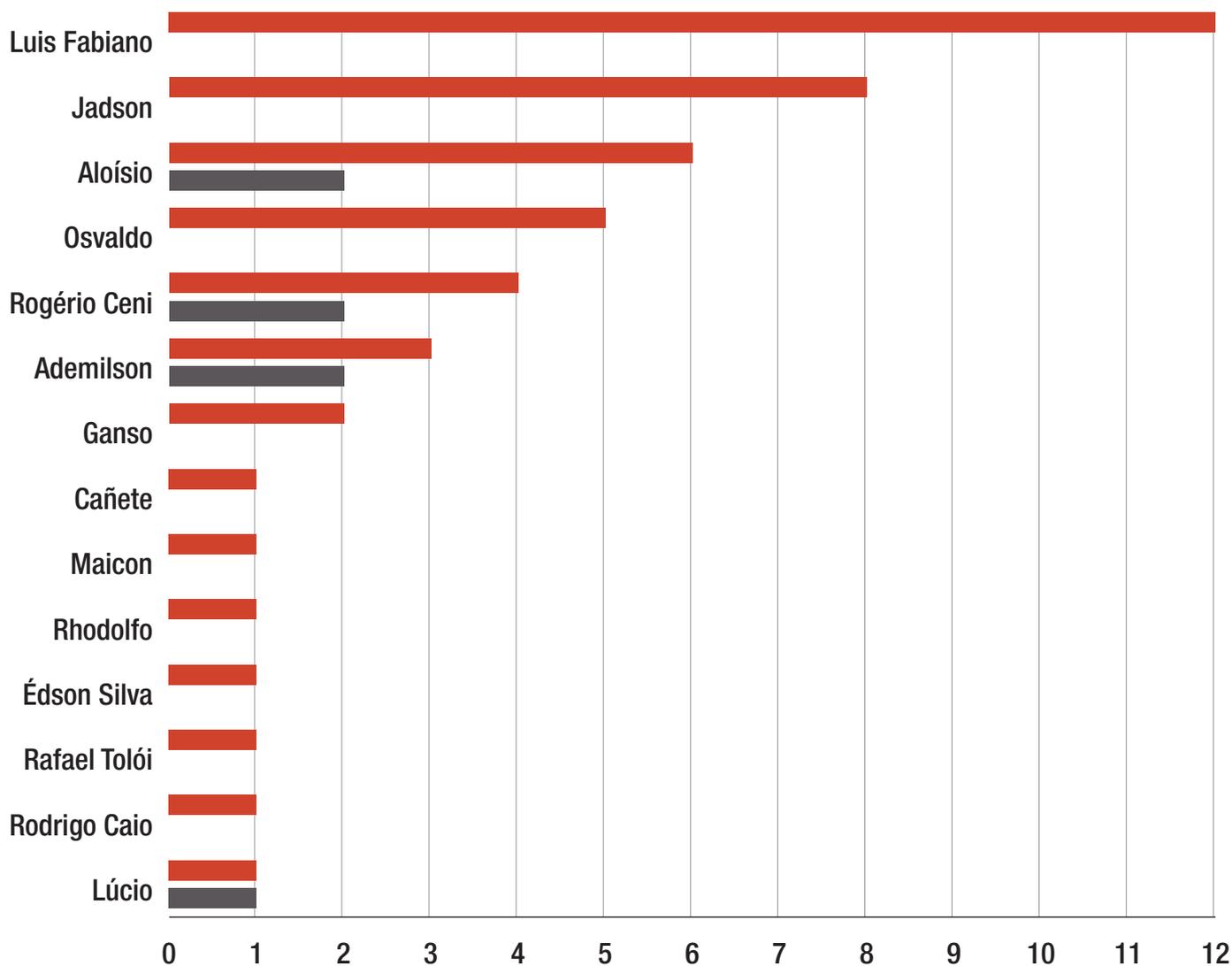




Foto: Mirella Fernandes

MAIO 2013

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

02.05.13	20:15	São Paulo x Atlético MG
05.05.13	16:00	São Paulo x SCCP
08.05.13	22:00	Atlético MG x São Paulo*
26.05.13	16:00	Ponte Preta x São Paulo*
29.05.13	22:00	São Paulo x Atlético MG

*Jogos fora de casa

- Copa Libertadores
- Campeonato Paulista
- Campeonato Brasileiro

Fernanda
Saldanha
@fesaldanha



Calendário Tricolor é uma parceria entre Arquibanda Tricolor e Revista TMQ. Baixe em sua área de trabalho: www.revistatmq.com.br/midia

www.arquibancadatricolor.com.br | @arqtricolor | facebook.com/arquibancada

apoio:





WELLINGTON: UM TORCEDOR DENTRO DE CAMPO

Tarde de sexta-feira, após o treino que definiu o time que jogou contra o Penapolense, Wellington concedeu uma entrevista para a Revista TMQ, onde fala da base, do jogo contra o Atlético Mineiro e do M1to Rogério Ceni.

por VINÍCIUS RAMALHO e LEONARDO LÉO
fotos: ALESSANDRA NOGUEIRA

Revista TMQ: Logo quando você subiu ao time principal, surgiram muitas comparações entre você e o Mineiro. Concorda? Em quem você se espelha e qual foi o seu grande ídolo vestindo a camisa do SPFC?

Wellington: Fico feliz pela comparação. O Mineiro foi um atleta que passou pelo São Paulo e fez história ganhando grandes campeonatos, então é sempre gratificante ser comparado com um grande jogador e uma grande pessoa. Ele é um cara que tem muita humildade, então eu fico feliz com as comparações dentro de campo e também pela pessoa que ele é.

Você e o Denilson terminaram a temporada passada com grande destaque. Esse ano não conseguiram reeditar grandes atuações, inclusive indo parar no banco em alguns jogos. A que você credita essa queda de rendimento?

Olha, as críticas vem para você poder crescer. É normal, estando em um clube grande, receber críticas boas, vamos dizer assim, quando o time não joga bem e mesmo quando jogamos bem faz parte do futebol, isso é normal. Às vezes somos julgados por pessoas que nunca chutaram uma bola e nem sabem o que é estar dentro de um campo de futebol com torcedor, com um monte de coisas. Então a gente tem que ter a cabeça fria e procurar entender isso muito bem.

CRÍTICAS FAZEM PARTE DO FUTEBOL. TEMOS QUE TER A CABEÇA FRIA E ENTENDER.

Em 2005, quando o SPFC conquistou a Libertadores e o Mundial, você já fazia parte dos times de base. Como foi comemorar essas conquistas de tão perto? E qual é o tamanho da sua vontade em comemorar essas conquistas de novo, mas, desta vez, como protagonista?

Quando eu estava na base eu procurava trabalhar muito para chegar aqui ao profissional e poder comemorar a conquista de grandes títulos. Hoje eu sei que posso fazer história aqui dentro do São Paulo ganhando títulos como foi no ano passado e em 2008, quando eu cheguei ao profissional. É continuar trabalhando, ter humildade e conquistar, buscar cada vez mais ganhar títulos aqui no São Paulo.

O assunto do momento é um possível aliciamento do São Paulo em jogadores das categorias de base. Você, sendo um jogador que veio da base, conhece a estrutura do São Paulo para revelar jovens promessas. Fale dessa estrutura e qual sua opinião diante desse assunto polêmico do possível aliciamento.

É até engraçado. Andei vendo que estão falando que o São Paulo está “roubando” jogador. Mas não é! O São Paulo convida o atleta para conhecer a estrutura, conhecer o trabalho que é feito junto dos pais; os garotos não tem como não gostar. É impressionante a estrutura que o São Paulo dá, não só dentro de campo mas fora de campo também, uma formação para o atleta. Eu fico feliz de ter saído de uma estrutura tão boa e estar aqui hoje contando isso e incentivando quem está na base. Procuo estar perto, pois, ao mesmo tempo que estão lá, podem estar aqui e isso tudo é normal em time grande com uma estrutura que está cada vez melhorando. O São Paulo tem uma diretoria muito capacitada para crescer ainda mais e todo mundo quer jogar aqui.

Sendo um jogador de marcação, os gols são raros. Mas o primeiro gol que você fez pelo São Paulo foi um gol de centroavante. Conte como foi o gol e a sua sensação ao comemorar aquele gol contra o Bahia.

Aquilo foi milagre de Deus na minha vida. Não tem explicação, não tem como explicar a emoção de fazer o primeiro gol quando você torce para o clube, ama e considera todos os profissionais, desde o jardineiro até o presidente. Então foi gratificante fazer meu primeiro gol com a camisa do São Paulo e emocionante também (nesse momento é interrompido por Douglas que está correndo em volta dos campos do CT e faz uma brincadeira com Wellington).

Sua recuperação da última contusão em 2012 foi junto com o Rogério. Como foi essa convivência com ele em um momento complicado em que a dedicação de ambos era superar as contusões para voltar ao time? Até nisso dá para aprender com ele?

É impressionante a determinação que o Rogério tem para estar dentro do campo quando a partida vale três pontos. Eu vi ali no dia a dia. Como você disse foram seis meses do lado dele tratando e recuperando. Quando eu vinha cabisbaixo, triste e eu via ele com aquela vontade, aquela força, determinação de voltar a jogar, eu pensava: o cara é ídolo, meu ídolo e de várias pessoas no Brasil. Ganhou tudo que podia ganhar, quer voltar a jogar e está feliz todo dia, sorrindo, dando força... por que eu não? Por que eu, que estou apenas começando, não vou também feliz tratar e fazer minhas coisas certas? Esse foi um aprendizado muito bom: aprendi com ele tratando e fico feliz de poder jogar ao lado dele.

A carreira do Rogério está caminhando para o fim e provavelmente você estará em campo na última partida dele pelo São Paulo. Os torcedores não querem nem pensar nisso. Para você que é um jogador/torcedor, como é pensar nessa data?

Não para né? Uma vez eu disse para ele na concentração, ele dizendo que estava pensando em parar, e eu disse: “Não para não! Eu, como são-paulino, estou aqui desde 2008 e sou, depois de você, um dos mais velhos no grupo e não consigo ver o São Paulo sem você aqui no dia a dia”. É complicado você parar para pensar como vai ser o São Paulo quando o Rogério parar. É até difícil falar, porque é uma pessoa excelente que briga sempre pelo melhor dos atletas, independente de quem seja; está sempre preocupado, procurando saber mais e ajudar os jogadores, então eu espero que, se ele parar esse ano mesmo, que ele possa parar com grandes títulos.

Você e o Rogério eram os dois jogadores mais 'pilhados' na preleção para o jogo contra o Atlético, na fase de grupos. Podemos dizer que existia um São Paulo antes daquele jogo e agora existe um outro São Paulo?

Antes daquele jogo, todos colocaram em dúvida nossa capacidade, a capacidade de um time grande e isso não pode acontecer. Entre nós não aceitávamos isso. Temos tudo do bom e do melhor, jogamos um ano todo para voltar à Libertadores, conseguimos um melhor resultado, uma classificação mais tranquila na primeira fase e, infelizmente, os resultados não vieram até aquele jogo. Todos taxaram a gente como o pior time, que tudo estava perdido, que íamos perder, não ia classificar e aquilo estava engasgado. O Rogério, mesmo com essa estrutura toda que o São Paulo oferece, consegue falar um algo mais dentro do vestiário para motivar e correr como um doido dentro de campo. A emoção é muito grande, é inexplicável. Não dá para dizer como é a emoção dentro do vestiário, só você sentindo, entrando em campo com 50 mil torcedores te aplaudindo, empurrando o time em um momento difícil onde todos desconfiavam do time; até mesmo alguns são-paulinos não acreditavam na classificação. Então, eu como são-paulino e tendo muita fé em Deus, sabia que a gente podia ir ao Morumbi e ganhar, como foi. Fico feliz de estar ao lado de um cara como o Rogério e aprendo com ele todos os dias aqui.

Nas suas declarações você fala sempre com muita confiança no time. Deixe seu recado para o torcedor do São Paulo nesse momento de decisões.

Eu nem preciso pedir para a torcida lotar o Morumbi, porque a torcida já provou isso. Somos o clube da fé, um time de raça e eles apoiaram a gente quando muita gente já tinha virado as costas para nós. Eles estavam conosco: 50 mil pessoas dentro do estádio! Lotar o estádio eu sei que vai, mas quero pedir ao torcedor que não deixe de acreditar nesse elenco, pois a gente vem para trabalhar aqui todos os dias e aprimorar cada vez mais para dar alegria para vocês, são-paulinos!

O ROGÉRIO CONSEGUE FALAR UM ALGO MAIS DENTRO DO VESTIÁRIO PRA MOTIVAR E CORRER COMO UM DOIDO.



QUEM LIMPANDO A ÁGUA?



CARECA O GÊNIO DA GRANDE ÁREA

por *Alberto Ferreira*



Careca em campo. Show garantido! Ele era o artilheiro dos gols bonitos. Não fazia gol feio, só golaço. Muitas vezes perdia gols feitos simplesmente por não saber fazer gol feio. Foi o centroavante mais craque que já vi jogar. Tive a sorte e o privilégio de acompanhar toda a sua trajetória no Tricolor Mais Querido.

Em 83, com o fim da carreira do Chulapa no São Paulo, a diretoria agiu rápido e trouxe um substituto à altura. Careca veio para repetir a dupla infernal que formou com Renato nos tempos de Guarani. O começo foi realmente como todo mundo esperava. A dupla se entendia perfeitamente e o ataque fazia muitos gols.

Tudo ia bem do Campeonato Brasileiro daquele ano, mas aconteceram duas situações que deixaram a torcida desconfiada do novo camisa nove. Primeiro, num jogo contra o Gêmio quando ele perdeu dois pênaltis no empate de 2 a 2. Depois, no jogo que determinou a eliminação tricolor contra o Atlético PR, perdeu dois gols inacreditáveis e saiu xingado pela torcida.

A partir daí, começou o calvário do matador. Uma misteriosa contusão impedia Careca de ter uma sequência de jogos e assim foi até o final daquele ano. O ano seguinte foi ainda pior. Careca ficou afastado dos gramados por seis meses e só foi marcar um gol no mês seguinte, no empate de 1 a 1 contra o XV de Jaú. Mas a sorte começava a mudar. A diretoria trouxe Casagrande, que passou a ser o novo parceiro de Careca. Foi como um passe de mágica, como se nada de ruim tivesse acontecido. Parecia que os dois jogavam de olhos fechados, tamanho entrosamento entre eles. Destaque para uma goleada de 4 a 1 em cima do timaço do SFC, com dois gols do Casão e um do Careca. Um verdadeiro show!

Mas como tudo o que é bom dura pouco, Casagrande voltou para o seu clube anterior e Careca ficou sem parceiro de ataque por algum tempo. Surgiu, então, Muller e o camisa nove voltou a ter alguém do lado para infernizar as defesas adversárias. Aí sim pode se dizer que foram os maiores momentos dele com a camisa tricolor.

Primeiro veio o título paulista em 85. Depois o memorável título brasileiro em 86, quando o centroavante decidiu todos os jogos de mata-mata até a final. Na decisão contra o Guarani, deixou o dele no primeiro jogo (empate em 1 a 1). No jogo da volta veio o gol inesquecível no final da prorrogação no Brinco de Ouro, que garantiu o empate em 3 a 3 e a disputa de pênaltis onde o tricolor sagrou-se campeão.

Infelizmente a magia teve que acabar. Em Março de 87, Careca foi vendido ao Napoli, onde foi imortalizado jogando ao lado de ninguém menos que Diego Armando Maradona. Quem teve a honra de ver Careca brilhar com a camisa tricolor pode se considerar um cara de sorte. Eu sou um deles.

Raio-X

Nome: Antonio de Oliveira Filho

Nascido em: Araraquara, São Paulo

Data de nascimento: 05 de outubro de 1962

Títulos conquistados: **Guarani:** Campeonato Brasileiro 1978; São Paulo: Campeonato Paulista 1985 e 1987, Campeonato Brasileiro 1986; **Napoli:** Copa da UEFA 1989, Campeonato Italiano 1990 e Supercopa Italiana 1990.

Clubes em que atuou

1978–1982	Guarani
1983–1987	São Paulo Futebol Clube
1987-1983	Napoli (Itália)
1994-1997	Kashiwa Reysol (Japão)
1997	Santos
1999	São José
2005	Garforth Town AFC (Inglaterra)

A MALDIÇÃO DA “AVENIDA” MORUMBI

A lateral direita ainda espera por um dono de autoridade

por Bruno Fekuri

Não é de hoje que sofremos com essa posição. A mesma posição que nos deu um capitão de seleção, campeão do mundo com a amarelinha e mestres da camisa dois, que certamente incomodam-se com a evidente falta de qualidade neste setor. Pois é, já vimos Cafu, Forlán, Ilsinho (2006, 2007), Cicinho e pasmem, até o Breno improvisou bem por aquelas bandas.

A coluna de hoje é uma “homenagem” a todos que tiveram a honra de vestir essa camisa mesmo não possuindo as mínimas condições técnicas para isso. Até poderia dedicar o texto para apenas um jogador, mas a qualidade de alguns era tão baixa, que até as informações são escassas. Bom, lá vamos nós.

O drama começou com a saída de Cicinho no final de 2005. O Ilsinho que viera do SEP tinha, e tem, muita habilidade, mas certamente era mais um ala do que um lateral de ofício. Afinal todos sabemos que a mesma desenvoltura que tinha para atacar e entortar seus adversários, não tinha para marcar e resguardar o lado direito tricolor. Os dois primeiros felizardos foram Maurinho e Reasco. Dois jogares que tinham conhecimento da posição, um campeão brasileiro pelo Santos e o outro campeão da Libertadores pela LDU, mas as boas referências terminavam aí. Os dois passaram mais tempo no REFFIS do que em campo. Muito azar para apenas uma posição!

Em 2008 começou o desespero. A lista seguiu com Joílson, que foi um belo destaque no Botafogo em 2007, Jancarlos, que tinha moral no Atlético – PR e Éder Sciola que viera do Noroeste com boas referências (?!). De longe foi o pior ano; um mais pífio que o outro!

Em 2009 chegou o grande Beckham argentino. Muito elogiado por sua facilidade em bater faltas, Adrian González foi outro que

declinou no Tricolor. Foram poucos jogos, muita vontade, mas, mesmo assim, não foi o suficiente. No mesmo ano chegou o ótimo Wagner Diniz, vindo do Vasco, lateral bom de bola que ia pra cima dos adversários – mas também não foi isso que vimos por aqui. Hoje o rapaz está na reserva do São Bernardo. Por fim, o ano encerrou com a mais bela contratação: Néelson Saavedra. O pseudo lateral-zagueiro sequer entrou em campo pelo Tricolor e o apelido de Jaspion ecoou apenas nos corredores da Barra Funda.

2010, ano de renovação! Apostamos nos antigos e velhos conhecidos e queridos pela torcida! Cicinho e Ilsinho não mostraram o mesmo futebol. Ficaram devendo, mas não mancharam o currículo.

Chegou 2011 e com ele mais dois novos jogadores: Ivan Piris e Edson Ratinho. Piris desembarcou com a pompa de melhor marcador da América do Sul, mas não era lá essas coisas. Pelo menos vontade e disposição nunca faltaram ao paraguaio. Já Ratinho veio do Mallorca indicado pelo Rivaldo. Pois é, não bastou a indicação e o lateral jogou apenas 45 minutos com nosso manto – e olha que foi MUITO!

Hoje temos Douglas e Lucas Farias, esse último com muito potencial e o cacoete exigido pela posição. Douglas provou ser útil ao Tricolor, mas como lateral seus defeitos ficam mais evidentes. Além deles, temos os improvisados Paulo Miranda e Rodrigo Caio. Dois jogares que são úteis quando requisitados.

De certo o pior já passou e conseguimos ver uma luz no fim do túnel principalmente com Farias. Mas de 2007 a 2011 temos medo de lembrar e só de imaginar causa arrepios ao torcedor tricolor. Que épocas assim passem longe da Barra Funda, Giovanni Gronchi, Morumbi...



Éder, Ratinho e Wagner Diniz fazem qualquer tricolor sentir arrepios com épocas sombrias

M1TO N' ROLL

por Thiago Moura



O maior ídolo da história do São Paulo Futebol Clube é um jogador diferenciado. Alguns o chamam de "fominha"; eu não vejo mal nisso, pelo contrário. Rogério é um cara que sempre procurou se aperfeiçoar no que faz, sempre procurou se destacar dos demais não só no seu trabalho, mas, também, na vida.

Como o assunto aqui é o *rock 'n' roll*, falemos do gosto musical refinado do capitão. Diferente de seus colegas jogadores, que gostam de pagode e sertanejo, Rogério gosta do bom e velho *rock 'n' roll*. Ele não só gosta de ouvir, como também toca guitarra e violão. Suas maiores influências são bandas das décadas de 70 e 80 como Pink Floyd, AC/DC, Lynard Skynard, U2, Guns 'n' Roses e Metallica.

No seu milésimo jogo pelo Tricolor, Rogério "vetou" o pagode no vestiário e escolheu uma lista de 20 músicas que ecoaram pelos corredores do Morumbi até as arquibancadas do estádio.

Desde então, quando o time está para subir as escadas do túnel do vestiário, a música Hells Bells do AC/DC anuncia que o time irá adentrar ao gramado do Morumbi.

Foto: Rubens Chiri/Saopaulofc.net

Confira as músicas que tocam no 1000º jogo do M1to:



clique no disco acima para ouvir essa lista *online*, ou acesse www.revistatmq.com.br/midia

Highway To Hell – AC/DC

Sultans Of Swing - Dire Straits

Simple Man - Lynyrd Skynyrd

Beds Are Burning - Midnight Oil

I'd Do Anything for Love - Meat Loaf

Still Loving You - Scorpions

Here I Go Again - Whitesnake

Burnin' Alive – AC/DC

Another Brick In The Wall – Pink Floyd

Mr. Jones – Counting Crows

Paradise City – Guns N' Roses

You Shook Me All Night Long – AC/DC

Nothing Else Matters – Metallica

Suspicious Minds – Elvis Presley

I Still Haven't Found What I'm Looking For – U2

Ride On – AC/DC

Sweet Child Of Mine – Guns 'n' Roses

Proud Mary – Creedence Clearwater Revival

Simply The Best – Tina Turner

Hells Bells – AC/DC



Foto: Rubens Chiri/Saopaulofc.net

No último show do ex-membro da banda inglesa Pink Floyd, Roger Waters, Rogério teve a oportunidade de se encontrar com seu ídolo. No encontro ele entregou ao músico uma réplica de bronze do estádio do Morumbi, um DVD dos seus 100 gols na carreira e uma camisa autografada. Por sua vez, o goleiro ganhou um autógrafo em uma guitarra que ganhou do Presidente Juvenal Juvêncio na apresentação de Luis Fabiano como reconhecimento do clube pela marca alcançada dos 100 gols. Um momento inesquecível para ambos, que compartilham essas duas paixões: Futebol e rock 'n' roll (Waters torce para o Arsenal FC, de Londres).

Curiosidade: Rogério achou um jogador para fazer uma parceria nas horas de folga na concentração para fazer um som: o volante Fabrício também é um adepto do mesmo estilo musical. Ele também já influenciou as filhas Beatriz e Clara a gostarem do gênero. Parabéns, capitão!

Dica

Uma música que Rogério sempre faz questão de tocar no vestiário, Ride On, do AC/DC. Uma balada estilo blues que você pode encontrar no álbum Dirty Deeds Done Dirt Cheap, de 1976.

Continue como o M1to e Rock on!!!

NÃO EXISTE O IMPOSSÍVEL PARA O CLUBE DA FÉ



Depois da classificação épica na Libertadores vencendo o Atlético, a Revista TMQ conta porque somos chamados de Clube da Fé e lembra missões tricolores impossíveis.

por VINÍCIUS RAMALHO

Soberano? Que nada! Depois da mobilização da torcida mostrando que a fé era necessária para que o São Paulo vencesse o até então melhor time da competição e ainda fosse beneficiado por uma vitória do Arsenal sobre o The Strongest na Argentina, o termo Clube da Fé voltou ao vocabulário do torcedor são-paulino. Até o M1to Rogério Ceni disse na descida para os vestiários após aquela partida que devemos acreditar até o fim pois somos o Clube da Fé, o clube onde a moeda caiu em pé.

Os mais jovens, acostumados com gerações vencedoras e recheadas de títulos não devem saber porque um dia fomos apelidados como o Clube da Fé e muito menos qual foi a história do dia em que a moeda caiu em pé. Pensando nisso a Revista Tricolor Mais Querido revirou os arquivos, achou outras viradas épicas e vai explicar tudo para que você responda aos rivais sem medo de errar:

NUNCA DUVIDE DO CLUBE DA FÉ!

Você sabia que o atual São Paulo Futebol Clube surgiu após a extinção do São Paulo Futebol Clube da Floresta? No dia 4 de junho de 1935, 235 sócios da antiga agremiação inconformados com fusões sem sucesso fundaram o Clube Atlético São Paulo. Sem dinheiro o sonho daqueles “malucos” não era nada fácil. Sobraram 20 que em um ensolarado 16 de dezembro de 1935, após reunião realizada onde hoje se encontra a Praça da Sé, fundaram o Tricolor Mais Querido do Mundo.

A primeira diretoria era diposta da seguinte forma: Manoel do Carmo Mecca era o primeiro presidente, com Alcides Borges na função de primeiro vice, Francisco Pereira Carneio era segundo vice, Éolo Campos o primeiro secretário, Luís Felipe de Paula Lima o segundo secretário, Manoel de Arruda Nascimento primeiro tesoureiro, Isidoro Novaes o segundo tesoureiro e um tal Porfírio da Paz atuando como diretor geral de esportes.

Muitos conhecem Porfírio da Paz como o autor do hino que cantamos até hoje para empurrar o São Paulo. Mas, além disso, Porfírio foi responsável por formar o primeiro elenco tricolor. Para isso teria que fazer milagre, pois sem dinheiro seria difícil construir um time tão vencedor como o do São Paulo anterior. Foi preciso até colocar dinheiro do próprio bolso para formação do elenco. Enquanto Porfírio fazia seus milagres, o presidente Manoel do Carmo Mecca e o técnico Del Debbio foram ao Paraná para contratar o guarda metas King.

A intenção era que a estreia acontecesse já em 1935, mas o Tricolor só foi a campo em 25 de janeiro de 1936 contra a Portuguesa Santista. E até o jogo N°1 teve muitos obstáculos para ser realizado. Devido ao aniversário da cidade de São Paulo, uma comemoração acontecia na Avenida Paulista e uma portaria impedia a realização de eventos que pudessem tirar as atenções da festa.

Novamente Porfírio da Paz apareceu para defender os interesses tricolores. Subiu no palanque em plena Avenida Paulista e discursou a favor do time que leva as cores e o nome da cidade, convencendo o médico Cantídio Campos, então secretário municipal da Educação, a autorizar a partida. Para terminar esse dia histórico, Porfírio teve que levar os jogadores para o estádio Antônio Alonso em carros alugados, pois os bondes não estavam funcionando.

Tendo como rivais clubes com mais de vinte anos de existência, o São Paulo era conhecido como um time de “pobretões”. Apelidos como “Júnior”, “Clube N°2” e “São Paulinho” menosprezavam o clube recém-criado.

Todas essas dificuldades serviram como inspiração para que em 1937 o jornalista Thomaz Mazzoni da Gazeta Esportiva fizesse uma crônica histórica chamando o São Paulo de Clube da Fé.

“O novo São Paulo F.C. trouxe consigo a maior das riquezas: a fé no seu destino, o amor ao seu nome! Esta fé, este amor, tem levado o pugilo de esportistas que o compõem, o dirigem e o defendem a realizar grandes sacrifícios, milagres, apesar de todas as dificuldades, apesar de tanto pessimismo alheio quanto ao seu futuro”, exaltou Thomaz.

Apesar da vontade dos dirigentes de criar um clube vencedor, a falta de sócios, fonte de renda e patrimônio, fazia com que o time fosse fraco tecnicamente. Mesmo assim em 1938 o Tricolor conseguiu chegar ao vice-campeonato paulista, mas isso ainda era pouco para aqueles sonhadores.

Importante lembrar que na decisão de 1938 o título ficou com o SCCP que jogava pelo empate e conseguiu tal feito com um gol de mão de Carlitos. 75 anos se passaram e as coisas não mudaram, hein!?

Veio a década de 40 e a hegemonia do futebol paulista era dividida entre SCCP e SEP. Entre 1937 e 1942 somente os dois clubes foram campeões estaduais. Mas a história mudaria e ali nasceria um dos clubes mais vitoriosos da história do futebol brasileiro e mundial. O clube que ostenta dignamente o nome da capital paulistana chegava para ficar!

O NOVO SÃO PAULO TROUXE CONSIGO A MAIOR DAS RIQUEZAS: A FÉ NO SEU DESTINO, O AMOR AO SEU NOME!

O ANO EM QUE A MOEDA CAIU EM PÉ!

O ano de 1943 foi inesquecível para nós são paulinos.

Na reunião que definiria o formato e a tabela do Paulistão daquele ano, os dirigentes começaram uma grande discussão e um repórter teve a sagacidade de, por meio de uma brincadeira, mudar o rumo daquele encontro. Acostumado a ver somente SEP e SCCP levantarem a taça do campeonato estadual propôs um desafio para os cartolas dos dois clubes: “Bem, senhores, não há como saber quem, entre SEP e SCCP, será o campeão paulista. Sugiro que resolvamos o impasse no jogo da moeda. Jogarei a moeda ao alto, se der cara, é porque ganhará o SCCP, se der coroa é porque ganhará o SEP”.

O representante tricolor estava sentado em um canto, esquecido pelas luzes. E não era qualquer representante que ali estava. Entre 1936 e 1937 foi presidente do clube e somente observava as perguntas que eram direcionadas somente para os dirigentes dos clubes rivais.

Até que, antes de jogar a tal moeda, o jornalista resolveu perguntar a um tal Frederico Antonio Germano Menzen, dirigente são-paulino presente à reunião, qual era o palpite dele sobre o lado que a mesma cairia. A resposta foi categórica: “A moeda não cairá voltada para a face cara e tampouco cairá voltada para a face coroa, a moeda cairá pela primeira vez em pé e o campeão será o São Paulo FC!”.

A profecia se concretizou e o São Paulo foi o grande campeão do Paulistão daquele ano após empatar com o SEP em 0 a 0 no Estádio do Pacaembu.

O time base, comandado pelo técnico Joreca, era formado por: King; Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zazur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo Januzzi e Pardal.

Como tudo naquele início era muito difícil, o primeiro título teve suas dificuldades para ser conquistado. Antonio Sastre, até ali o grande cérebro do time e um dos responsáveis pela campanha vitoriosa, se machucou na finalíssima. Como na época não existia substituição, o argentino foi obrigado a ficar em campo apenas para compor, jogando na defesa e raramente apoiando o ataque formado por Remo, Pardal e Leônidas.

A pressão foi grande mas estava escrito que o título seria do Tricolor Mais Querido.

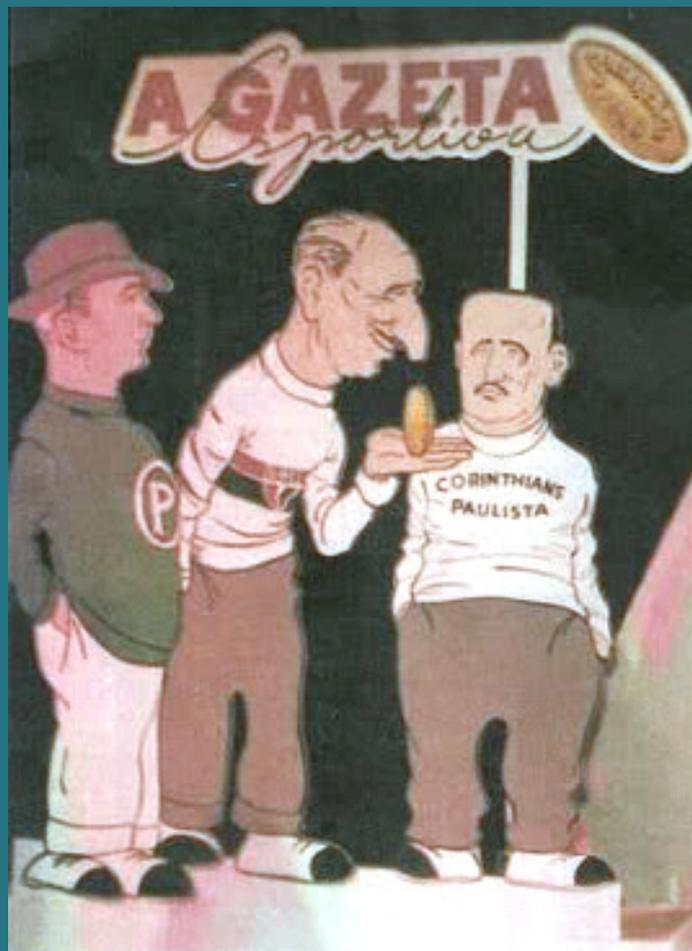
Ao fim da partida, o jogador Luizinho comemorava e gritava em alto tom: “A moedinha caiu em pé!”

Voltando a falar sobre Frederico Menzen, autor da profecia da moeda que cairia em pé: ele ainda foi o Presidente do Conselho Deliberativo entre 1946 e 1949, Vice-Presidente do clube em 1954, integrante da Comissão pró estádio a partir de 1958 e voltaria ao Conselho Deliberativo entre 1962 e 1972.

Por toda essa dedicação ao Tricolor recebeu o título honorífico de Presidente Benemérito do clube e entrou para a história por colocar o São Paulo no caminho das conquistas e no hall dos grandes clubes paulistas. Tanto que ainda na década de 40 conquistaríamos dois bicampeonatos em 1945/1946 e 1948/1949. Era só o começo!

Parece mesmo que o São Paulo nasceu predestinado a superar as adversidades e ganhar jogos e títulos quando ninguém mais acreditasse que era possível.

Vamos lembrar alguns momentos em que nosso fracasso era dado como certo, mas a camisa e a tradição de Clube da Fé serviram como combustível para vitórias históricas.





O PRIMEIRO TÍTULO BRASILEIRO

Imagine uma final de campeonato onde um dos times chega invicto e joga a grande decisão dentro de casa empurrado por mais de 100 mil pessoas. Claro que o adversário será considerado zebra. Ainda mais quando esse adversário ainda não foi campeão nenhuma vez daquela competição e tem seu principal jogador fora do jogo devido a uma suspensão.

Esse era o cenário da final do Brasileirão de 1977. O Atlético Mineiro fez uma campanha irretocável, mas um São Paulo raçudo, sem o artilheiro Serginho Chulapa segurou o empate no tempo normal e na prorrogação levando a decisão para a disputa de pênaltis.

Ali brilhou o arqueiro Waldir Peres, que mostrou uma catimba digna de um jogador argentino e com muita provocação desestabilizou os jogadores atleticanos e foi o grande responsável pela vitória em 3 a 2 para o Tricolor Paulista.

A “zebra” venceu o favorito e conquistou o primeiro título brasileiro de sua história.



Foto: Revista Veja

OUTRO TÍTULO BRASILEIRO, OUTRA AGONIA TRICOLOR

Nove anos se passaram e o São Paulo teve a chance do bicampeonato nacional. Dessa vez o problema nem era o favoritismo, pois o São Paulo tinha um grande time e tinha feitos grandes jogos contra os cariocas Fluminense e América nas fases de quartas e semifinais.

Mas o roteiro da decisão do Brasileirão de 1986 poderia ser adaptado a um filme vencedor do Oscar.

No primeiro jogo disputado em um Morumbi lotado, empate em 1 a 1 diante do Guarani e tudo estava em aberto para o segundo jogo em Campinas.

Um novo empate em 1 a 1 levou o jogo para a prorrogação. O São Paulo fez 2 a 1 logo no início do tempo extra e quando todos achavam que o título já estava a caminho do Morumbi, o Bugre usou suas últimas forças para virar o jogo para 3 a 2 e começar a festa da torcida campineira.

Quem assistia o jogo pela televisão já via o narrador pedir para que os comentaristas e repórteres elegessem o melhor jogador da partida.

Tiro de meta a favor do São Paulo. Estranhamente o goleiro Gilmar não deu um chute e bateu curto para Wagner Basílio. Pita, que não era um grande cabeceador, resvalou para a área e Careca, de esquerda, estufou a rede do goleiro Sérgio Neri.

O impossível se tornou possível! Muitos tricolores espalhados pelo Brasil devem ter infartado, mas os que sobreviveram ainda teriam que torcer para uma vitória na decisão por pênaltis.

Mas alguém acha que depois daquele empate heróico perderíamos nas cobranças de penalidades?

Jamais – vitória tricolor por 4 a 3 e, pela segunda vez na história, o país era vermelho, branco e preto.

QUAL SÃO-PAULINO NÃO SE LEMBRA DO GOL DE CARECA EM 1986?

Libertadores, a volta do São Paulo para a competição sul-americana após 10 anos fora e confronto contra um time argentino. Receita perfeita para um Morumbi lotado e muita emoção para a torcida tricolor.

Para conseguir uma vaga nas quartas de final, o São Paulo precisaria passar pelo Rosário Central que havia ganhado o primeiro confronto por 2 a 1.

Mas quando Marquinhos, aos seis minutos da etapa inicial, entregou a bola para o argentino Herrera que carregou e tocou na saída de Rogério Ceni, muitos acharam que o caminho tricolor naquela Libertadores seria abreviado. Somado a isso, Luis Fabiano ainda perdeu um pênalti aos 22 minutos e aquela noite parecia ser assombrada para o São Paulo.

Vindo do banco de reservas, Grafite resolveu mudar o rumo daquela partida. No apagar das luzes do primeiro tempo empatou de cabeça e colocou o São Paulo novamente no jogo.

Somente aos 31 minutos da etapa final o Tricolor fez o gol que levaria a partida para a decisão em chutes da marca da cal. Grafite, de novo, aproveitou rebote do goleiro e só tocou para incendiar o Morumbi.

Cicinho desperdiçou o primeiro chute e o pesadelo foi ficando mais cruel a cada cobrança bem executada pelos argentinos. No último chute do São Paulo o goleiro artilheiro Rogério bateu forte no meio do gol. Missão cumprida? Que nada, ele ainda teria que pegar a cobrança que seria executada pelo também goleiro Gaona.

Silêncio total no Morumbi. Gaona vai para a bola e adivinhem: o M1to encaixa a bola e leva a decisão para as cobranças alternadas. O lateral Gabriel bateu o sexto pênalti e fez o gol. Rogério pegou mais uma e o São Paulo estava classificado.

Ao final da partida jogadores do tricolor choravam e Rogério vibrava como em um título: “Isso aqui é minha vida. Muitos falam de eu jogar fora do Brasil. Pra que se eu joga no melhor time do mundo?”, vibrou o goleiro.





Foto: Revista Veja

ONZE PONTOS E DEZOITO JOGOS, ARRANCADA HISTÓRICA!

Em 2006 e 2007 o Mais Querido conquistou o título brasileiro. Veio 2008 e o sonho do tricampeonato era o sonho de consumo tricolor.

Mas quando o São Paulo estreou no retorno perdendo para o líder Grêmio em Porto Alegre, ninguém mais acreditava no tri. Matemáticos davam 1% de chance de título para o Clube da Fé.

Faltavam 18 jogos e a distância entre o tricolor gaúcho, que era líder, e o paulista, que naquele momento ocupava a quinta colocação, era de 11 pontos.

EM 2008, 17 JOGOS FORAM NECESSÁRIOS PARA TIRAR UMA DIFERENÇA DE 11 PONTOS

Na 28ª rodada o São Paulo ainda era o quinto colocado. Com uma série invicta de 17 jogos o tricolor arrancou e conseguiu chegar à liderança na 33ª rodada ao atropelar o Internacional no Morumbi por 3 a 0.

Rogério e Hernanes eram os líderes daquele grupo que fez história não só pela arrancada que levou o time ao título. Aquele tricampeonato consecutivo era um feito que ninguém, até então, tinha conseguido.

Todas essas histórias devem servir de estímulo para você, são-paulino, acreditar mesmo quando a derrota parecer inevitável. Somos o Clube da Fé, o time que fez a moeda cair em pé e que conquistou títulos e classificações heróicas em situações que éramos apontados como zebra.

Mestre Telê olha por nós lá de cima e o M1to Rogério Ceni continua fazendo o impossível dentro das quatro linhas. Isso é o que faz possível acreditar sempre, até o fim, em uma camisa tão pesada e com estrelas que ninguém além de nós tem para mostrar aqui no Brasil.

CONTE SUA HISTÓRIA: MOTA

por Jussara Araujo

Mais do que repórter do programa Estádio 97, da rádio Energia 97, Mota é um fanático pelo Tricolor Paulista e figura garantida nas partidas no Morumbi. Conheça um pouco mais deste ilustre torcedor no Conte Sua História desta edição!

Nome: Claudio Mota Mendes

Twitter: @Mota97

Instagram: @97mota

Idade: 43 anos

São-paulino desde: Desde outras eras!

Como virei são-paulino: Não virei, já era! Como a criação do universo não há explicação para isso, nenhuma definitiva!

Meu jogo inesquecível foi: Final do Paulista de 1980. São Paulo x SFC. Duas vitórias por 1 a 0 do São Paulo.

Ouvi o jogo pelo rádio com meu avô santista e saí gritando como um louco pelo bairro. Quase apanhei! Meu avô não gostou nada dessa história de eu ser são-paulino. Aliás, na minha família, era o único. São Paulo Campeão! Morava em Santos e fiquei 3 semanas sem ir à escola porque fui ameaçado, já que era o único são-paulino no meu bairro.

Meu herói tricolor é: M1to! Na infância, Chulapa.

Se eu pudesse escalar um São Paulo com jogadores de todos os tempos, minha escalação seria: Rogério Ceni, Cafú, Oscar, Dario Pereyra e Leonardo, Mineiro, Josué e Raí. Muller, Careca, Serginho Chulapa; técnico: Mestre Telê; auxiliar: Muricy; banco: Zetti, Fabão, Lugano, Hernanes, Careca, Gerson, França, Amoroso.

Minha história inesquecível como torcedor é: Atlético Paranaense 1 a 1 São Paulo. Primeiro jogo da final de 2005.

Fiquei em dúvida se iria ao jogo e, na terça à noite, fiquei maluco em casa. Tinha que estar no jogo! Eram 10:00 da noite e resolvi ir. Comecei a ligar para todas as companhias aéreas e não conseguia um voo para Porto Alegre, pois todos estavam lotados. Às 23:10, consegui um voo da extinta Brasil, só que eles não faziam reservas por telefone. Eu teria que chegar lá até meia-noite, já que o voo era às 0:30. Resolvi arriscar e liguei para um amigo taxista, fazendo uma proposta indecorosa: se ele chegasse, eu pagaria 200 reais. Ele topou.

Saí correndo de casa com o manto sagrado e uma mochila, quase sem nada; foi uma loucura! O cara era mais louco do que eu! Cada mergulho era um flash de radar na Av. 23 de Maio e na Marginal. Chegamos exatamente às 23:59. Saí correndo e encostei no balcão. Havia uma única vaga e logo depois chegaram três caras! Ufa!

Bem, dentro do avião, vários tricolores! O clima já era de estádio. Chegamos a Porto Alegre e o frio judiava: -2°C. Não havia reservado hotel e acompanhei a procissão de vários tricolores indo de hotel em hotel, que, lógico, não queriam aceitar um bando de torcedores! Até que alguém achou um hotel na avenida que dava para o Beira Rio... e que estava vazio! Três caras foram perguntar e uma “renca” ficou escondida. Depois do ok, invadimos o hotel!

A noite foi uma loucura: frio, faltavam cobertores, confusão, gremistas passando em frente ao hotel, ameaçando e soltando rojões! Percebi que tinha ido com um casaco e passaria frio. Pela manhã, saí do hotel e fui comprar um casaco, luvas, gorro, tudo para amenizar o frio!

Já que lá estava, fui ao hotel onde estava o São Paulo para entrar ao vivo na rádio. Depois, fui me encontrar com alguns amigos. Havíamos marcado na churrascaria que fica atrás do Beira Rio. Porém, cheguei lá e não via ninguém do lado de fora, acho que por causa do frio. Ao entrar, fui recebido com uma vaia por centenas de atleticanos! Lá no fundo meus dois amigos quietinhos.

Saímos de lá e fomos para frente do estádio. Assistimos ao jogo, pegamos frio e chuva! Saímos de lá direto para o aeroporto. Antes, paramos em um puteiro e depois fomos jantar. Sofremos, mas valeu a pena...

Hoje, se eu fosse presidente do clube, mudaria:

- Daria mais valor aos jovens da base e investiria em time com um maior número desses jogadores. Acho q esse é o caminho. Faria jogadores se identificarem com o clube, com aulas e palestras do que é feito a Alma Tricolor e a História!
- Mudaria a fachada do Estádio, enveloparia com as cores do tricolor! Colocaria a Mega Store com a porta aberta para a rua na hora do jogo para vender mais.
- Daria nome de são-paulinos históricos aos setores do estádio, por exemplo: Rogério Ceni, Telê, Zetti, Raí, Leônidas, Chulapa.
- Faria um Plano de Sócio Torcedor... com verdadeiras regalias para os Sócios.
- Não apoiaria organizadas.
- Colocaria um diretor de futebol remunerado, por exemplo, o Leonardo.
- Teria uma galeria tricolor nos corredores do Morumbi.

Minhas três maiores razões pra ser eternamente tricolor são:

Na há razão na emoção de torcer para o São Paulo! Ela é indescritível e só sabe quem é tricolor!



COM NOSSOS CAMISA 1 NÃO TEM BOLA NA REDE!

por Roney Altieri

ZETTI

Foto: Divulgação/Site Oficial Zetti

O tempo passou muito rápido... Parece ontem que aquele rapaz magro, já meio calvo, aparecia ainda meio inseguro, aos nossos olhos, na meta tricolor. Ousado, afinal, onde já se viu um garoto ter tamanha confiança em não passar vexame ao pedir para os “preparados” colegas de linha para bater a falta?

Fosse apenas isso e talvez ficasse conhecido pelos gols de falta que marcou – aos montes, por sinal. Debaixo das traves pegou como poucos e por diversas, quase inumeráveis, vezes salvou nosso Tricolor de derrotas; mas mudemos o verbo para o presente, afinal, ele ainda joga.

Porém, como esse tempo tem sido tão veloz e quase tão injusto quando se trata de Rogério Ceni, a grande dúvida que paira sobre as cabeças tricolores é a de quem será o próximo jogador a receber a dádiva de vestir o Manto N°1 do Glorioso São Paulo.

Uma coisa é certa: pela história dos goleiros que passaram por nossas fileiras esse novo e aguardado jogador vai carregar sobre si uma responsabilidade, digamos, gigante.

Sugeriria a ele que, numa bela tarde de sábado chuvoso, dedicasse esse tempo a dar uma olhada na história desses “homens de preto” (hoje com algumas outras cores). Caso esse tempo seja escasso, relato humildemente abaixo um pouco do que esses “monstros” fizeram pelo São Paulo.

Começo por King, cujo apelido que pode assustar, justamente o fazia aos atacantes adversários quando segurava a bola (e imagina a bola daquela época) com apenas uma mão. Diz a lenda que mesmo com a influência do irmão Teleco, que jogava num time alvinegro, preferiu defender as cores campeãs do Tricolor. Isso mostra que esse “feito” anunciado aos brados nos dias de hoje por outro jogador não foi novidade alguma.

Campeão Paulista de 1943 contra um time verde saiu de campo carregado pela torcida, naquele que a imprensa relatou como “um dos maiores bombardeios que um goleiro de futebol até então tinha enfrentado”. Antes de deixar o São Paulo por questões extrafutebol, declarou: “Se não for no São Paulo não jogarei mais futebol”.

E Roberto Gomes Pedrosa, o goleiro que virou Presidente (1946)? Uma História linda homenageada na praça onde hoje se localiza o Morumbi.

Chegamos a José Poy, argentino que chegou ao Tricolor em 1948 e que foi super campeão com nossa camisa.

Para que se tenha uma ideia do que jogava nosso goleiro, chegou-se a cogitar sua naturalização para defender as cores brasileiras na Copa de 1954. E para quem pensa que o sucesso de Poy se deu apenas dentro do gramado, saiba o quanto ele foi importante na construção do Morumbi, vendendo títulos de cadeira cativa. Ainda fora do campo, foi técnico tricolor, levando o time a nossa primeira final de Libertadores em 74 e a conquista do Paulistão de 75 (quando ele valia muito!).

No início dos anos 70 surgiu São Sergio Valentim, bicampeão paulista com o Tricolor. O título “santificado” mostrava bem o que defendia esse Camisa 1.

E, logo na sequência, surgia Waldir Peres Arruda, que esteve em três Copas do Mundo, sendo o único goleiro que defendeu nossas cores como titular em uma delas (1982). Apesar do excelente elenco que tínhamos no primeiro e do limitado que tínhamos no segundo, ele nos deu o título Paulista de 75 e o Brasileiro de 77, ambos nos pênaltis catimbados e defendidos.



JOSÉ POY



WALDIR PEREZ

Foto: Placar

Defendendo a Seleção protagonizou um dos maiores momentos vividos por um goleiro nacional: em plena Alemanha defendeu dois pênaltis cobrados por Breitner, renomado lateral que nunca havia perdido um.

Foram 11 anos dedicados ao Tricolor.

Falar de Waldir Peres e não se lembrar de Toinho seria uma heresia.

Toinho que chegou tímido e com seu futebol fora dos padrões (chegou a ser derrubado quase no meio de campo por um jogador do time da Vila Belmiro, após driblar uns três) fez Minelli promover durante um período um rodízio entre os dois. Três partidas cada um sem nenhum dano à equipe.

PARABÉNS GILMAR

VOCÊ É DO SÃO PAULO!



Foto: Acervo Gazeta

GILMAR RINALDI

Em 1985 chega do colorado gaúcho Gilmar Rinaldi. Nesse mesmo ano levanta o caneco paulista e no ano seguinte nosso segundo Brasileiro, também nos pênaltis, contra o Guarani em Campinas.

Chega a vez de um dos maiores ganhadores de títulos da nossa História: Zetti (já entrevistado aqui na Revista TMQ). Praticamente abandonado no time verde após grave contusão, vem encontrar no São Paulo tudo aquilo que um grande jogador sonha: títulos!

Um Brasileiro, duas (quase três!) Libertadores, dois Mundiais, Recopa e Super Copa Sul-Americana, Ramón de Carranza, Teresa Herrera, Paulistas e tantos outros conquistados nas 426 partidas que disputou com a camisa tricolor.

E diz a história que depois dele veio Rogério Ceni; e desse, se me permitem, nada mais direi, até porque acredito que seja desnecessário. Ceni é M1to e já teve parte das suas conquistas e recordes cantados em verso e prosa inclusive aqui nas páginas da nossa revista.

Esse mesmo tempo que insiste em “envelhecer” o M1to é também o mesmo que nos deu outros grandes goleiros, ou pelo menos promessa deles.

Suli e os difíceis anos 60, Raul Plassmann que vingou apenas fora, Ronei Travi, mais conhecido por Picasso, Barbirotto, Tonho, Alencar, Abelha, Rojas e as confusões protagonizadas com a seleção chilena, Roger, o eterno reserva do M1to, os falecidos Alexandre (teria o M1to surgido se ele não tivesse nos deixado tão cedo?) e Weverson e alguns outros que vestiram de forma sempre brilhante da Camisa 1 Soberana.

Ufa! Quanta história...

Apenas um recado para quem vem no lugar do M1to (seria mesmo o Denis?): penso que será impossível você substituí-lo, mas penso também que será bastante possível você nos dar tantas alegrias quanto esses acima nos deram.

Avante “Tu és forte, Tu és grande” Tricolor!



José Poy

Waldir Perez

Gilmar Rinaldi

Zetti

Rogério Ceni

UM ODE À RAÇA!

Por Renato Ferreira

Foto: Marcos Ribelli/Globosporte.com



Na última edição escrevi uma carta aberta ao elenco tricolor pedindo para terem raça; que se fosse para cair, que caísse em pé. O pedido foi aceito, ouvido e realizado. Mais do que isso, o time conseguiu arrancar um sorriso do Mestre Telê onde quer que ele esteja. Quando nem mesmo a torcida acreditava em uma classificação para as oitavas de final da Copa Libertadores e as chances eram mínimas, o Tricolor dominou o melhor time da competição e conseguiu a proeza, contando com uma ajuda do Arsenal de Sarandí. E se não foi na técnica, foi na raça.

O time todo correu, lutou, guerreou e conseguiu fazer o torcedor se lembrar dos antigos esquadrões que vibravam como vibrou, e como dito popularmente, com “sangue nos olhos”. O time orgulhou àqueles que outrora vestiram o Manto, honrou a camisa que já foi vestida por Lugano, Dario, Pedro Rocha, Raí, Roberto Dias e Chicão. Lúcio teve garra de pentacampeão mundial, Carleto e Paulo Miranda marcaram e apoiaram com a mesma vontade, Wellington marcou como em 2012 anulando o melhor jogador do adversário, Aloísio

brigou e tentou a cada segundo, Osvaldo foi Osvaldo e Ganso foi o maestro que queremos ver, o meia que agora mostra que valeu a pena o esforço para contratá-lo. Rogério Ceni? Um M1to, mostrando que jogador que entra contundido não é “fominha” e sim herói.

O São Paulo tem a alcunha de “TIME DA FÉ” e mostrou que quando se quer, quando o grupo se une e quando se joga com vontade, garra e principalmente raça, se pode chegar longe. Mais uma vez, como tantas outras na história desse clube, a moeda caiu em pé. A torcida agora recupera a confiança no time e apoiará o time até o último segundo. O São Paulo volta a ser São Paulo, e dentro do Morumbi lotado mostra quem manda. Agora o Maior do Mundo, que já subiu três vezes no lugar mais alto da América, vai lutar com todas as forças para alcançar esse posto pela quarta vez. É esse o São Paulo que a torcida conhece, é esse São Paulo que os rivais temem, é a alma do São Paulo que nos leva a conquistas que ninguém acredita, e que seja como o São Paulo tem que ser, com RAÇA.

UFA!

por *Alberto Silva*

Depois de muito sufoco deu tudo certo no final. Foi sofrido, mas o Tricolor conseguiu a classificação à próxima fase da Libertadores. Mas não precisava ser desse jeito. Foi feito tudo errado nessa primeira fase, desde a diretoria, passando pela comissão técnica e terminando nos jogadores.

A diretoria cometeu vários erros. Por exemplo, trouxe jogadores demais para uma determinada posição e ninguém para outras. Também não teve competência para substituir Lucas, ou pelo menos trazer alguém que fizesse a função do ex-camisa 7. Vide o chapéu que a diretoria tomou do Grêmio no caso Eduardo Vargas.

Eis que entra em cena Ney Franco, que passou dois meses tentando achar alguém para substituir o garoto prodígio que foi brilhar em Paris. Nenhuma tentativa deu certo. O ideal seria montar o time com os jogadores dentro das suas características e isso não foi feito. Ney também tentou passar um ar de autoridade quando ocorreram os problemas de reclamação dos atletas. Só que ele não me parece ter essa autoridade toda.

Junte-se a isso os vários problemas dentro do elenco. Problemas de ordem física, técnica e disciplinar. Seguem abaixo as várias situações que observamos:

- Jogadores machucados: Paulo Miranda se machucou logo no começo da competição, Wellington também, Fabrício só agora está começando a jogar regularmente e Wallyson já veio machucado.
- Jogadores muito mal tecnicamente: o próprio Paulo Miranda voltou muito mal, Rhodolfo nunca mais foi o mesmo, Cortez, Denilson e Wellington caíram vertiginosamente de produção e Douglas, de tanto ser improvisado, não se sabe mais se é lateral, meia ou atacante. Não foi bem em nenhuma. Para piorar, até o Rogério começou a falhar mais do que o normal, mas esse quando precisa resolve.
- Problemas disciplinares: começamos pelo Fabuloso. Junto com Rogério é o jogador mais importante do time. Por isso mesmo não poderia deixar o time na mão em jogos decisivos. Para completar, as várias reclamações de atletas que foram sacados do time, casos de Lúcio, Ganso e Fabrício. O que mostra que o treinador não tem esse pulso todo. Num campeonato de tiro curto como é a Libertadores, com tantos problemas desse tipo, não tem como dar certo mesmo.

Mesmo com todos esses problemas o time conseguiu passar. A garra mostrada diante do Atlético e mais uma vez o M1to salvando o time dão a esperança que faltava para a torcida tricolor empurrar o time. Mas agora é outro campeonato. Perdeu, tá fora!

O futebol mostra várias histórias de times que acabam se superando na adversidade. Esperamos que aconteça de novo.



UM VERDADEIRO MUSEU TRICOLOR NA WEB

por Vinícius Ramalho



As tuas glórias vêm do passado



Idealizado por Kauê Lombardi, que já contou sua história na primeira edição da Revista TMQ, está chegando a página “São Paulo Futebol Collection”. Trata-se de uma página destinada aos amantes do São Paulo Futebol Clube e admiradores de seus itens históricos.

Segundo o pai da página a ideia é contar, com a ajuda de itens históricos, um pouco mais da história do clube mais vitorioso do futebol brasileiro: “Nela contaremos parte da história do tricolor paulista, por meio de camisas utilizadas por ídolos, medalhas oficiais, agasalhos utilizados pelas delegações, livros oficiais do clube, revistas e outros itens colecionáveis”, conta Kauê.

Para dar uma pequena amostra do que você vai poder ver no São Paulo Futebol Collection, podemos adiantar que a braçadeira de capitão que o M1to usou no jogo 1000 estará lá. Medalhas da Libertadores e Mundial de jogadores que faziam parte do elenco também estão no acervo. Camisas? As mais variadas, com 80% do acervo sendo de camisas utilizadas em jogos oficiais.

O projeto está em produção e as fotos dos itens estão sendo tiradas pelo profissional Cesar Ogata. O acervo estará disponível em breve para que os torcedores conheçam ainda mais sobre o São Paulo.

Quer interagir com o São Paulo Futebol Collection?



TWITTER

[@spfcollection](https://twitter.com/spfcollection)



INSTAGRAM

[@spfcollection](https://www.instagram.com/spfcollection)



YOUTUBE

[/SPFCollection](https://www.youtube.com/SPFCollection)

Quer mais uma novidade? Todo mês o São Paulo Futebol Collection terá um espaço aqui na nossa revista e contaremos histórias dessas relíquias que todo são-paulino gostaria de ter.

Interaja, curta e compartilhe essa história.

SÃO PAULO FUTEBOL COLLECTION, uma tradição de cinco pontas.

Conhece ou tem alguma iniciativa na web dedicada ao São Paulo Futebol Clube que você gostaria de ver na coluna Tricolor na Rede? Compartilhe conosco: contato@revistatmq.com.br

NOVO ESQUEMA NA PRANCHETA

por Leandro Pinheiro

Caros tricolores! Passamos os últimos meses discutindo sobre qual seria o esquema ideal para o time de Ney Franco. Se deveria manter a formação que deu certo em 2012, optar por um ou dois meias de armação, Jadson, Ganso... Como colocar a equipe nos trilhos? Demorou, mas finalmente a resposta parece que foi encontrada!

Mais do que encontrar uma escalação ou adaptar o time para jogar em função de um ou outro jogador, o que faltava de verdade para o Tricolor era “suar sangue” dentro de campo. A vitória por 2 a 0 sobre o Atlético-MG, no último dia 17, pela Libertadores, deixou isso bem claro. A equipe entrou com a faca nos dentes, disputando toda e qualquer bola como se fosse a última, correndo até o final... não deu outra! O São Paulo passou por cima do Galo e deixou um Morumbi com 50 mil torcedores em êxtase.

Mas por que demorou tanto pra jogar assim? Precisou de água bater no pescoço e o time correr o risco de uma precoce e vergonhosa eliminação na Liberta para mudar a postura.

Imagina se tivéssemos jogado com essa mesma garra nas partidas anteriores? Certamente não teríamos passado por tanto sufoco. Bola pra ganhar do Arsenal dentro e fora de casa a gente tinha de sobra e até mesmo na altitude contra o The Strongest; tava fácil, fácil...

Não adianta. Tem hora que o jogador tem que ralar a bunda na grama, se empenhar um pouco mais. Se não fizer isso, o treinador pode tentar o que for, escalar quem ele quiser, que não acontece milagre. Por sorte temos o M1to Ceni para dar um chacoalhão na equipe quando precisa.

Nenhuma prancheta, nenhuma instrução tática supera as palavras inflamadas do capitão durante a preleção daquela partida de vida ou morte contra o “imbatível” Atlético-MG. Abraçar a oportunidade, honrar a camisa que veste, transformar o campo num inferno para os adversários – esse foi o pedido do capitão e é também dos torcedores! Acima de qualquer esquema tático, daqui pra frente tem que ser assim: com coração e muita raça!



#CLUBEDAFÉ

por *Ulises Cárdenas*

Assim como no título desta coluna, encerrou nosso capitão, Rogério Ceni, a partida antes de descer do campo para o vestiário, classificado para as oitavas de final da Copa Libertadores. O Clube da Fé. A tradição pesa mais do que tudo e mais uma vez nosso capitão está diretamente ligado ao nosso vitorioso desfecho. Esta não foi a primeira nem a última vez. Relembremos de um momento parecido com o de quarta-feira passada (17/04/13), no ano de 2004.

São Paulo x Rosário Central. Quem desacreditava do time Tricolor nessa memorável partida caiu com o queixo no chão, para não usar um popular jargão do torcedor de arquibancada, e mais uma vez entendeu que nossa tradição, força e, sobre tudo fé no que mais amamos, não pode ser medida nem pesada por reles comentários e comentaristas, ou abalada pela catimba que los hermanitos costumam disseminar. Temos que entender o poder de um líder num momento como esse. Esse líder foi nosso capitão Rogério.

O Mais Querido voltou derrotado da Argentina pelo placar de 1 a 0. Na partida de volta, no Morumbi, precisávamos vencer por 2 a 0, mas a nossa sorte foi derrubada por Herrera. Aproveitando um erro da zaga, correu com a bola e nos apunhalou sem piedade, obrigando-nos a ter que virar a partida para 3 a 1. O gol derrubou a moral de nossos jovens guerreiros, mas a torcida não arredou o pé, pois ainda tinha fé; ainda conseguiram aguentar com força um penal (irregular) desperdiçado pelo Fabuloso. Seguravam o coração com a mão até que Grafite (que entrou aos 33min no lugar do volante Alexandre) aproveitou a ajeitada de Rodrigo e explodiu a torcida. Agora, só faltavam dois.

Ao fim do primeiro tempo o Técnico Cuca segura os jogadores em campo. Segundo ele isso os manteria no clima da partida e com a força que a torcida estava passando. Mas não houve um retorno positivo dessa decisão. O time voltou pior, nervoso, errando passes

e os argentinos do Rosario chegavam cada vez mais perto da meta são-paulina. Em uma dessas investidas Herrera deixou González livre para dar o golpe final mas o capitão Rogério salva a meta. Pouco depois num chute de Luis Fabiano o goleiro Gaona dá rebote e Grafite empurra para dentro, mostrando que entrou para brilhar. Mas isso não foi o suficiente: a partida foi levada para a decisão por pênaltis.

Corações a mil e Cicinho perde a primeira cobrança. Parecia que tudo ia contra. As cobranças seguintes foram todas convertidas até que chega o momento que brilha uma estrela. Nosso capitão Rogério Ceni vai para a cobrança e, se perde, é o fim. Ele, sempre frio, converte num chute forte e alto, indefensável para Gaona. Por ironia do destino o próprio Gaona bateria o próximo tiro livre. Ele sussurra sua catimba no ouvido de nosso herói, ajeita a bola de maneira descontraída (ou desleixada?) e sorri antes da cobrança em um tom de deboche. Mas sua soberba esbarra na seriedade, destreza e, acima de tudo, integridade daquele que viria a ser o maior goleiro artilheiro de todos os tempos. Rogério salta para o canto direito e fica com a bola na mãos.

Logo depois Gabriel marca. Vem Irace, pequeno, talvez já assustado; bate no canto esquerdo e o capitão espalma, para a glória vermelha, branca e preta. Mas do que isso: mostra que bater painéis dentro do Morumbi não é suficiente para derrubar o Mais Querido. O goleiro ídolo abraça seu time como um pai abraça seu filho, pois nossos filhos são nossa vida.

E essa memorável noite termina com nosso herói apontando para as arquibancadas e dizendo: "Isso aqui é minha vida"! Atrevo-me a dizer que ele é o grande pai de nossas glórias dos anos 2000.

Avante Tricolor, o Clube da FÉ, o Mais Querido, a conquistar a América!

SÃ-PAULINAS NA DEFESA

Por Jussara Araújo

Na “aula” do último mês, você aprendeu os nomes dos jogadores que compõem o elenco do São Paulo. Que tal saber um pouquinho mais sobre cada um? A partir deste mês, como prometemos, vamos destrinchar cada setor e conhecer um pouco do histórico de cada jogador. Apenas o suficiente para contextualizar cada personagem que faz parte da atual história do Mais Querido.

OS ZAGUEIROS

Z



★ RAFAEL TOLÓI ★

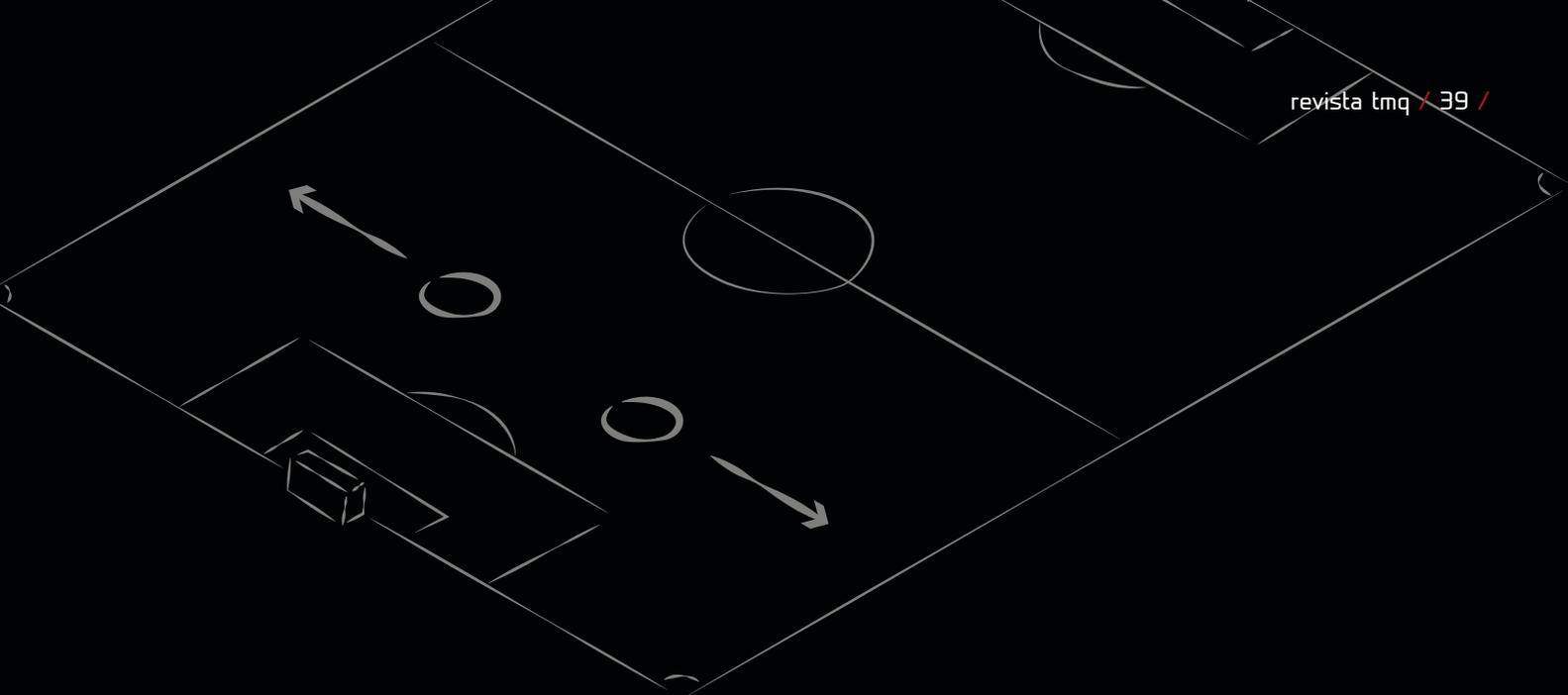
O atual camisa 2 é natural de Glória d'Oeste, no Mato Grosso. Foi revelado nas categorias de base do Goiás e promovido para a equipe profissional no ano de 2008. Suas boas atuações no time e convocações para a seleção sub-20 despertaram o interesse de vários clubes, mas a transferência para o São Paulo foi o caminho escolhido. Estreou com o manto tricolor em 2012. Desde então, participa da equipe titular com frequência. Tem apenas 22 anos.

★ LÚCIO ★

Veterano de 34 anos, com carreira nacional e internacional e participações significativas na Seleção Brasileira. Fez fama de xerife por sua atuação incisiva, força física e “patrulhamento” em todo o campo, inclusive no ataque. Chegou como um dos grandes reforços da temporada, e estreou ainda no começo deste ano como o dono da camisa 3.

★ RHODOLFO ★

Chegou ao São Paulo em grande estilo. Em sua primeira partida como titular, em 2011, o dono da camisa 4 surpreendeu marcando um gol contra a Portuguesa. Natural do Paraná, atuou pelo Atlético Paranaense até ser transferido para o Mais Querido. É um dos jogadores mais altos do elenco, com 26 anos.



★ PAULO MIRANDA ★

Como dissemos na última edição, ele é zagueiro, mas também atua como lateral direito. Na verdade, é até mais frequentemente usado por Ney Franco como lateral. O jogador de 24 anos atuou no Iraty, Desportivo Brasil, Bahia e SEP antes de chegar ao São Paulo em 2012. É o dono da camisa 13.



★ EDSON SILVA ★

Aos 26 anos, o jogador natural de Pernambuco chegou ao São Paulo em 2012, depois de ser cobiçado por grandes clubes do futebol nacional enquanto jogava pelo Figueirense. Atua com a camisa 14, e teve uma boa sequência de jogos como titular.



★ JOÃO FILIPE ★

Este carioca de 24 anos estreou no São Paulo em 2011, vindo do Botafogo em um momento que o São Paulo tinha carência de jogadores da posição. O camisa 21 tem personalidade forte e bastante agilidade. Começou muito bem mas perdeu espaço com Emerson Leão e nunca mais conseguiu se firmar no time titular.



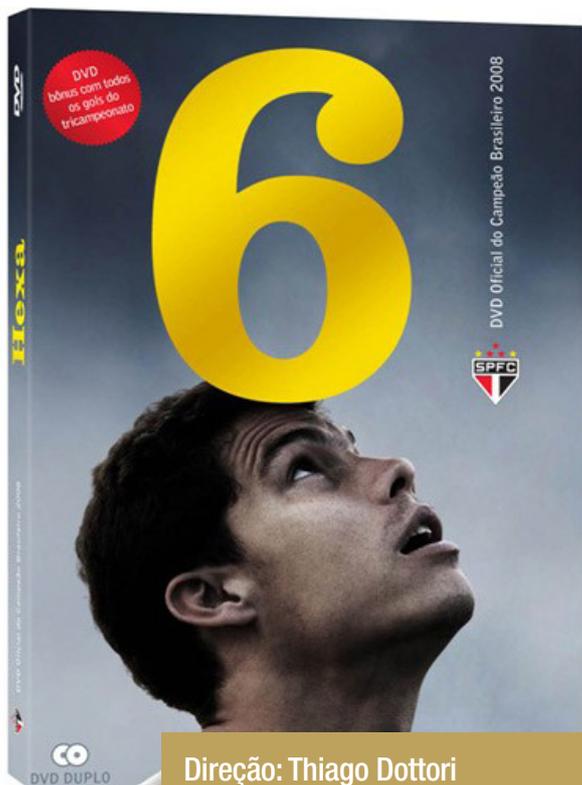
★ LUIZ EDUARDO ★

O jovem de 20 anos e dono da camisa 34, apesar de não ser titular, é uma das grandes promessas para a zaga do clube. Foi promovido como profissional em 2010, e teve sua estreia em campo pelo Mais Querido em 2011.

HEXA

DVD Oficial do Hexacampeonato Brasileiro

por *Fabício Gomes*



Direção: Thiago Dottori

Ano: 2009

Duração: 63 minutos

Distribuição: Bossanova Films e Fox

Olá Amigos! O mês de maio chegou e, com ele, também chega o campeonato que mexe com todo o país: o Campeonato Brasileiro. Pois é, desses já temos seis e, até pouco tempo, éramos os Soberanos nesse quesito, mas alguns times (que não citarei aqui) foram agraciados com títulos via fax por uma entidade aí, então dizem ser mais.

De qualquer forma, protestos à parte, o importante é que com a chegada de maio, renova-se a esperança tricolor de vencer mais um título, de conquistar o país mais uma vez. E, para relembrar esse desejo, vale falarmos sobre o DVD Oficial da conquista do Tri-Hexa, que foi um título especial e histórico, afinal, ninguém, além de nós, conseguiu vencer o Brasileirão por três vezes consecutivas em 2006, 2007 e 2008.

Este DVD é duplo, sendo que um disco (Tri) tem todos os gols das três conquistas nacionais, enquanto o outro (Hexa) conta a história de superação do campeonato de 2008. Como não poderia ser diferente, este filme conta com diversos depoimentos: Muricy Ramalho, Rogério Ceni, Juvenal Juvêncio, João Paulo de Jesus Lopes, Leco, Borges, Hernanes, etc.

O foco do filme são os bastidores, mostrando muitas conversas, reuniões e orações pré-jogo, imagens filmadas dentro de ônibus e aviões, confusões em jogos fora de casa, como na partida contra o Vasco da Gama, em São Januário. Nessa ocasião, além da usual dificuldade para chegar ao estádio, ainda tivemos de lidar com cadeados e portões trancados.

No DVD Hexa, temos como extras as imagens de um jogo do Capitão com a camisa 9 em SINOP (MT), um depoimento emocionante de Hernanes, a diretoria falando sobre o momento mágico tricolor e Muricy com suas "Muricyces". No DVD Tri, além de todos os gols, uma seleção de imagens do tricampeonato e charges animadas.

E essa obra deve ser vista e compartilhada exaustivamente, afinal, como disse Hernanes, que é a capa do DVD: "Campeão Brasileiro é pra muitos; Bi é pra poucos; mas Tricampeão é só pra nós!"

Um abraço e boa sessão!



Revista TMQ

**toda 1ª segunda-feira do mês
você conta com um novo meio para
saber tudo sobre o SPFC.**

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.revistatmq.com.br